

Leila Slimani

Canção doce



Miss Vezzis viera do outro lado da Fronteira para tomar conta de umas crianças em casa de uma senhora [...]. A senhora declarou que Miss Vezzis era uma má ama, suja e negligente. Nunca lhe passou pela cabeça que Miss Vezzis tivesse uma vida própria e problemas com que se preocupar, nem que esses problemas fossem a coisa mais importante no mundo para Miss Vezzis.

RUDYARD KIPLING, *Simples Contos das Colinas*

*«Compreende, cavalheiro, compreende o que significam estas palavras: não ter para onde ir?»
A pergunta que Marmeladov lhe tinha feito na véspera veio-lhe, de súbito, à mente. «Porque todo o homem precisa de um lugar para onde ir.»*

DOSTOIÉVSKI, *Crime e Castigo*

O bebê morreu. Bastaram alguns segundos. O médico garantiu que ele não sofreu. Deitaram-no dentro de um saco cinzento e fizeram deslizar o fecho de correr sobre o corpo desarticulado que boiava no meio dos brinquedos. Quanto à menina, ainda estava viva quando chegaram os serviços de emergência. Debateu-se como um animal selvagem. Encontraram sinais de luta, bocados de pele debaixo das unhas moles. Na ambulância que a transportou para o hospital, estava agitada, sacudida por convulsões. Com os olhos a saltar das órbitas, parecia procurar ar desesperadamente. A garganta enchera-se-lhe de sangue. Os pulmões estavam perfurados e a cabeça tinha batido violentamente contra a cómoda azul.

Fotografaram o local do crime. A polícia colheu as impressões digitais e mediu a superfície da casa de banho e do quarto dos meninos. No chão, o tapete de princesa estava impregnado de sangue. O móvel para mudar as fraldas estava meio caído. Os brinquedos foram levados dentro de sacos transparentes selados. Até a cómoda azul será usada como prova no processo.

A mãe encontrava-se em estado de choque. Foi o que disseram os bombeiros, o que repetiram os polícias, o que escreveram os jornalistas. Ao entrar no quarto onde jaziam os filhos, ela soltou um grito, um grito saído das profundezas, um uivo de loba. As paredes tremeram. A noite abateu-se sobre aquele dia de Maio. Ela vomitou e a polícia encontrou-a assim, com a roupa suja, agachada no quarto, a soluçar como uma possessa. Berrou

quase até rasgar os pulmões. Um dos paramédicos fez um sinal discreto com a cabeça e ergueram-na, apesar da sua resistência, dos seus pontapés. Levantaram-na devagar e uma jovem estagiária do SAMU¹ administrou-lhe um calmante. Era o seu primeiro mês de estágio.

A outra também, também tiveram de a salvar. Com o mesmo grau de profissionalismo, com a mesma objectividade. Ela não soube morrer. Não soube acolher a morte, só soube infligi-la. Cortou os pulsos e espetou a faca na garganta. Desmaiou aos pés da cama de grades. Endireitaram-na, mediram-lhe as pulsações e a tensão. Instalaram-na na maca e a jovem estagiária manteve a mão no pescoço dela.

Os vizinhos reuniram-se à entrada do prédio. São sobretudo mulheres. Está quase na hora de ir buscar as crianças à escola. Elas observam a ambulância, com os olhos inchados de lágrimas. Choram e querem saber. Põem-se em bicos de pés. Tentam discernir o que se passa por trás da barreira policial, no interior da ambulância que arranca com todas as sirenes soando ruidosamente. Murmuram informações ao ouvido umas das outras. Já corre o rumor. Aconteceu uma desgraça aos meninos.

É um belo prédio da rue d'Hauteville, no 10.º bairro. Um prédio onde os vizinhos se cumprimentam, sem se conhecerem, com calorosos bons-dias. O apartamento dos Massés fica no quinto andar. É o mais pequeno do edifício. Paul e Myriam instalaram uma parede falsa no meio da sala, quando nasceu o segundo filho. Dormem num quarto exíguo, entre a cozinha e a janela que dá para a rua. Myriam gosta de móveis em segunda mão e tapetes berberes. Na parede, pendurou estampas japonesas.

Hoje, voltou mais cedo para casa. Abreviou uma reunião e deixou para o dia seguinte a análise de um dossiê.

¹ Serviço de Atendimento Médico de Urgência, o equivalente ao nosso INEM. (N. da T.)

Sentada no banco rebatível, num comboio da linha 7 do metro, disse para si própria que ia fazer uma surpresa aos filhos. Ao chegar ao bairro, passou pela padaria. Comprou uma baguete, uma sobremesa para os meninos e um bolo de laranja para a ama. É o preferido dela.

Tinha pensado em levá-los ao carrossel. Iriam juntos fazer as compras para o jantar. Mila pediria um brinquedo, Adam chuparia um pedaço de pão, sentado no carrinho.

Adam morreu. Mila vai sucumbir aos ferimentos.

«Nada de clandestinos, entendido? Para empregada de limpeza ou pintor, isso não me incomoda. Eu sei que essas pessoas têm de trabalhar. Mas para tomar conta de crianças é demasiado perigoso. Não quero ninguém que tenha medo de chamar a polícia, nem de ir ao hospital, se houver um problema. De resto, não quero uma mulher demasiado velha, nem que use véu, nem fumadora. O importante é que seja despachada e disponível. Alguém que trabalhe para que nós também possamos trabalhar.» Paul preparou tudo. Elaborou uma lista de perguntas e definiu trinta minutos para cada entrevista. Reservaram a tarde de sábado para arranjar uma ama para os filhos.

Uns dias antes, quando Myriam conversava sobre a sua demanda com Emma, uma amiga, esta queixou-se da mulher que tomava conta dos seus filhos. «A minha ama tem dois filhos, por isso nunca pode ficar até mais tarde, nem vir ocasionalmente fora de horas. Não dá jeito nenhum. Pensa nisso quando fizeres as entrevistas. Se for uma mulher com filhos, convém que eles tenham ficado na terra dela.» Myriam agradecera o conselho, mas, na realidade, o discurso de Emma aborrecera-a. Se um empregador tivesse falado dela ou de uma das suas amigas daquela maneira, todas teriam gritado que se tratava de discriminação. Achava terrível a ideia de excluir uma mulher por ela ter filhos. Prefere não abordar essa questão com Paul. O seu marido é como Emma. Um indivíduo pragmático, que põe a família e a carreira acima de tudo.

Nesse dia de manhã, foram os quatro ao mercado, todos juntos. Mila aos ombros de Paul e Adam a dormir no carrinho. Compraram flores e agora arrumam o apartamento. Querem causar boa impressão às amas que vão desfilar pela tarde fora. Apanham os livros e as revistas que andam pelo chão, debaixo da cama e até na casa de banho. Paul pede a Mila que arrume os brinquedos dentro de umas caixas grandes de plástico. A menina recusa-se, choramingando, e é ele quem acaba por empilhar tudo contra a parede. Dobram a roupa dos meninos, mudam os lençóis das camas. Limpam, deitam fora, tentam desesperadamente arejar aquele apartamento onde lhes falta o ar. Gostavam que elas vissem que são pessoas de bem, gente séria e organizada que se esforça por oferecer aos filhos o que há de melhor. Que elas compreendessem que são eles quem manda.

Mila e Adam fazem a sesta. Myriam e Paul estão sentados na beira da cama. Ansiosos e incomodados. Nunca confiaram os filhos a terceiros. Myriam terminava o curso de Direito quando engravidou de Mila. Obteve o diploma duas semanas antes do parto. Paul multiplicava os estágios, cheio de optimismo, o mesmo optimismo que seduziu Myriam quando se conheceram. Ele estava convicto de que poderia trabalhar por dois. Seguro de que faria uma carreira na produção musical, apesar da crise e das restrições orçamentais.

Mila era um bebé frágil e irritadiço, que não parava de chorar. Não engordava, rejeitava a mama da mãe e os biberões que o pai preparava. Debruçada sobre o berço, Myriam tinha esquecido tudo, até que existia um mundo lá fora. As suas ambições reduziam-se a conseguir fazer que aquela menina enfezada e berrona engordasse uns gramas. Os meses passavam sem que ela desse por eles.

Paul e Myriam nunca se separavam de Mila. Fingiam não perceber que os seus amigos se aborreciam e comentavam nas costas deles que um bar ou um banco de restaurante não eram lugares para um bebé. Mas Myriam recusava-se completamente a ouvir falar de *babysitters*. Só ela era capaz de suprir as necessidades da filha.

Mila tinha apenas um ano e meio quando Myriam engravidou outra vez. Ela sempre alegou que fora um acidente. «A pílula nunca é cem por cento infalível», dizia, rindo diante das amigas. Na verdade, planeara aquela gravidez. Adam foi uma desculpa para não abandonar a doçura do lar. Paul não mostrou reserva nenhuma. Tinha acabado de ser contratado como assistente de som, num estúdio de renome onde passava os dias e as noites encafuado, refém dos caprichos dos artistas e dos seus horários. A sua mulher parecia realizar-se naquela maternidade animal. Aquela vida de casulo, longe do mundo e dos outros, protegia-os de tudo.

Mas, depois, o tempo começou a parecer longo, a mecânica familiar perfeita encravou. Os pais de Paul, que quando a menina nascera tinham tomado o hábito de os ajudar, começaram a passar cada vez mais tempo na sua casa de campo, onde estavam a fazer obras de monta. Um mês antes de Myriam dar à luz, organizaram uma viagem de três semanas pela Ásia e só avisaram Paul em cima da hora. Ele ficou ofendido e queixou-se a Myriam do egoísmo dos seus pais, da ligeireza deles. Myriam, porém, sentiu-se aliviada. Não suportava ter Sylvie sempre em cima de si. Ouvia, com um sorriso, os conselhos da sogra, mordida a língua quando a via vasculhar o frigorífico e criticar a comida que lá encontrava. Sylvie comprava alfaces biológicas. Preparava as refeições de Mila, mas deixava a cozinha num caos imundo. Myriam e ela nunca estavam de acordo e reinava em casa um mal-estar denso, fervilhante, que ameaçava transformar-se a qualquer instante

em pugilato. «Deixa os teus pais viverem a vida. Fazem muito bem em aproveitar, agora que são livres», acabara Myriam por dizer a Paul.

Ela não tinha noção do que a esperava. Com dois filhos, tudo se tornou mais complicado: ir às compras, dar o banho, ir ao médico, arrumar a casa. As facturas começaram a acumular-se. Myriam mergulhou na tristeza. Passou a detestar as idas ao parque infantil. Os dias de Inverno pareciam-lhe sem fim. As birras de Mila eram-lhe insuportáveis, os primeiros balbucios de Adam eram-lhe indiferentes. Sentia, de dia para dia, uma necessidade cada vez maior de caminhar sozinha, tinha vontade de berrar como uma louca na rua. «Eles devoram-me viva», dizia, por vezes, para si própria.

Tinha inveja do marido. Ao fim do dia, esperava-o febrilmente atrás da porta. Passava uma hora a queixar-se dos gritos dos meninos, do tamanho do apartamento, da sua falta de tempo livre. Quando o deixava falar e ele contava as sessões de gravação épicas de um grupo de *hip-hop*, ela cuspiam-lhe: «Tens sorte, tu!» Ele respondia: «Não, tu é que tens sorte. Eu queria tanto vê-los crescer.» Nesse tipo de jogo, nunca havia vencedor.

À noite, Paul dormia ao lado dela o sono pesado de quem trabalhara o dia inteiro e merecia um bom descanso. Ela deixava-se consumir por azedume e pesar. Pensava no esforço que fizera para acabar os estudos, apesar da falta de dinheiro e de apoio dos pais, na alegria que sentira quando fora recebida na Ordem dos Advogados, na primeira vez que vestira a toga e Paul a fotografara, diante da porta do prédio, sorridente e orgulhosa.

Durante meses, fingiu suportar a situação. Nem a Paul teve coragem de confessar até que ponto tinha vergonha. Até que ponto se sentia morrer por não ter nada para contar, a não ser as palhaçadas dos filhos e as conversas entre desconhecidos que ela espiava no supermercado.

Começou a recusar todos os convites para jantar, a não atender os telefonemas dos amigos. Desconfiava sobretudo das mulheres, que podiam ser tão cruéis. Tinha vontade de estrangular aquelas que fingiam admirá-la ou, pior, ter inveja de si. Já não aguentava ouvi-las queixar-se do trabalho, de quase não verem os filhos. Acima de tudo, tinha medo dos desconhecidos. Daqueles que lhe perguntavam inocentemente o que fazia na vida e que viravam a cabeça ao ouvir a resposta «Doméstica».

Um dia, quando fazia as compras no Monoprix do boulevard Saint-Denis, percebeu que tinha roubado sem querer umas meias de criança, esquecidas no carrinho de bebé. Estava a uns metros de casa e podia ter voltado ao supermercado para as devolver, mas não o fez. Não contou nada a Paul. O incidente não tinha interesse nenhum e, no entanto, não conseguia parar de pensar nisso. Depois desse episódio, sempre que ia ao Monoprix, escondia no carrinho do filho um champô, um creme ou um batom que nunca iria usar. Sabia perfeitamente que, se a mandassem parar, bastaria fazer o papel de mãe asoberbada para que acreditassem na sua boa-fé. Esses furtos ridículos deixavam-na em transe. Ria sozinha na rua, com a impressão de passar a perna ao mundo inteiro.

Quando se cruzou com Pascal por acaso, viu nisso um sinal. O seu antigo colega da faculdade de Direito não a reconheceu imediatamente: ela levava umas calças demasiado largas, umas botas gastas e tinha prendido o cabelo sujo num totó. Estava de pé, em frente do carrossel de onde Mila se recusava a sair. «É a última volta», repetia ela de cada vez que a filha, agarrada ao seu cavalo, passava diante de si e lhe dizia adeus. Levantou os olhos: Pascal

sorria-lhe, de braços abertos como mostra da sua alegria e surpresa. Ela retribuiu o sorriso, de mãos fincadas no carinho de bebé. Pascal estava com pressa, mas, por sorte, o seu compromisso ficava a dois passos da casa de Myriam. «Está na hora de voltarmos, de qualquer maneira. Fazemos o caminho juntos?», sugeriu ela.

Myriam lançou-se sobre Mila, que soltou gritos estridentes. Recusava-se a avançar e Myriam teimava em sorrir, em fingir que dominava a situação. Não parava de pensar na camisola velha que levava por dentro do casaco e cuja gola puída Pascal vira de certeza. Freneticamente, passou a mão pelas têmporas, como se o gesto fosse suficiente para alinhar os seus cabelos secos e emaranhados. Pascal não parecia ter reparado. Falou do escritório de advocacia que abria com dois colegas de licenciatura, das dificuldades e alegrias de trabalhar por conta própria. Ela bebia as palavras dele. Mila não parava de interromper a conversa e Myriam teria dado este mundo e o outro para ela se calar. Sem tirar os olhos de Paul, vasculhou os bolsos, a carteira, à procura de um chupa-chupa, um rebuçado, fosse o que fosse para comprar o silêncio da filha.

Pascal praticamente nem olhou para os meninos. Não lhe perguntou como se chamavam. Nem sequer Adam, a dormir no carrinho, com o seu rosto sereno e amoroso, pareceu suscitar carinho ou emoção em Pascal.

«É aqui.» Pascal deu-lhe um beijinho na cara. Disse: «Fico muito contente por te ter visto» e entrou num prédio cuja pesada porta azul, ao bater, sobressaltou Myriam. Ela pôs-se a rezar em silêncio. Ali, em plena rua, estava tão desesperada, que teria sido capaz de se sentar no chão e chorar. Teve vontade de se agarrar à perna de Pascal, de lhe suplicar que a levasse consigo, que lhe desse uma oportunidade. Voltou para casa de rastos. Olhou para Mila, que brincava calmamente. Deu banho ao bebé e disse para si própria que aquela felicidade, aquela felicidade simples,

muda, carcerária não bastava para a consolar. Não tinha dúvidas de que Pascal fizera troça dela. Talvez até tivesse telefonado a antigos colegas da faculdade para lhes contar a vida patética de Myriam que «está um farrapo» e que «não fez a carreira que tínhamos imaginado».

A sua mente passou a noite inteira a corroer-se com conversas imaginárias. No dia seguinte, mal acabava de sair do banho, ouviu o sinal de mensagem no telemóvel. «Não sei se estás interessada em voltar a exercer. Se sim, podemos conversar sobre essa hipótese.» Myriam quase gritou de alegria. Desatou aos pulos pela casa fora e deu um beijo a Mila, que dizia: «Que se passa, mamã? Porque é que estás a rir?» Mais tarde, Myriam perguntou-se se Pascal teria percebido o seu desespero ou se teria simplesmente pensado que era uma sorte ter-se cruzado com Myriam Charfa, a aluna mais aplicada que havia visto na vida. Talvez tivesse pensado que era uma bênção para ele poder contratar uma mulher como ela, de a voltar a pôr no caminho dos tribunais.

Myriam falou com Paul e ficou desiludida com a reacção dele. Paul encolheu os ombros. «Não sabia que tinhas vontade de trabalhar.» Isso deixou-a furiosa, mais do que devia. A conversa inflamou-se rapidamente. Ela chamou-lhe egoísta, ele rotulou o comportamento dela de irresponsável. «Tudo bem, já percebi que queres trabalhar, mas como é que fazemos com os meninos?» Ele fez chacota dela, ridiculizando as suas ambições, dando-lhe ainda mais a impressão de que estava enclausurada naquele apartamento.

Quando se acalmaram, analisaram pacientemente as opções. Estavam no fim de Janeiro: era escusado terem esperança de arranjar um lugar numa creche ou num infan-tário. Ele não conhecia ninguém na junta de freguesia. E se ela voltasse a trabalhar, passariam para o pior escalão de todos: seriam demasiado ricos para aceder a apoios a título urgente e demasiado pobres para poderem contratar uma

ama, sem que isso representasse um sacrifício financeiro. Foi essa a solução que acabaram por escolher e, na sequência disso, Paul declarou: «Contando com as horas extras, tu e a ama vão ganhar mais ou menos o mesmo. Mas, enfim, se achas que assim te sentirás mais realizada...» Dessa conversa, ela ficou com um travo amargo. E guardou ressentimento em relação a Paul.

Quis fazer bem as coisas. Para sossegar o espírito, foi a uma agência que acabava de abrir no bairro. Um pequeno escritório, decorado com simplicidade, gerido por duas raparigas de trinta e poucos anos. A fachada, pintada de azul-bebé, estava ornada de estrelas e pequenos dromedários dourados. Myriam tocou à campainha. Pelo vidro, a dona mediu-a dos pés à cabeça. Levantou-se devagar e enfiou a cabeça na porta entreaberta.

— Sim?

— Bom dia.

— Vem inscrever-se? Precisamos de um dossiê completo. Um currículo e cartas de recomendação assinadas pelos seus anteriores empregadores.

— Não, não é nada disso. Vim cá por causa dos meus filhos. Ando à procura de uma ama.

O rosto da rapariga transformou-se completamente. Pareceu contente por receber uma cliente e aborrecida por ter dado um passo em falso. Mas como é que podia ter adivinhado que aquela mulher cansada, de cabeleira grossa e frisada, era mãe da bonita menina que choramingava no passeio?

A gerente abriu um grande catálogo e Myriam debruçou-se sobre ele.

— Sente-se — disse ela.

Dezenas de fotografias de mulheres, quase todas africanas ou filipinas, desfilaram diante dos olhos de Myriam.

Mila divertia-se, dizendo: «Esta é feia, não é?» A mãe repreendia-a e, com um peso no coração, voltava àqueles retratos desfocados ou mal enquadrados, onde não se via uma única mulher a sorrir.

A gerente provocou-lhe aversão. A sua hipocrisia, o seu rosto redondo e rubicundo, o seu cachecol puído à volta do pescoço. O seu racismo, que saltara à vista momentos antes. Tudo lhe deu vontade de fugir. Myriam despediu-se com um aperto de mão. Disse que ia falar com o marido e nunca mais lá voltou. Em vez disso, foi ela própria colar um anúncio nas lojas do bairro. A conselho de uma amiga, inundou *sites* da Internet com anúncios a dizer URGENTE. No período de uma semana, receberam seis telefonemas.

Myriam espera por uma ama como quem espera pelo Salvador, embora tenha pavor de deixar os filhos com uma desconhecida. Enquanto mãe, sabe tudo sobre os seus meninos e gostava de guardar esse conhecimento só para si. Conhece-lhes os gostos, as manias. Adivinha imediatamente quando um deles está doente ou triste. Sempre os manteve debaixo de olho, convencida de que ninguém poderia protegê-los tão bem como ela.

Desde que eles nasceram, Myriam tem medo de tudo. Sobretudo de que morram. Nunca fala disso, nem com as amigas, nem com Paul, mas tem a certeza de que já todos pensaram exactamente a mesma coisa. Tem a certeza de que, como ela, também eles já observaram um filho a dormir, perguntando-se o que sentiriam se aquele corpo que observam fosse um cadáver, se aqueles olhos fechados nunca mais se voltassem a abrir. É mais forte do que ela. Erguem-se dentro de si cenários atrozes, que ela afugenta abanando a cabeça, recitando preces, tocando na madeira e na mão de Fátima que herdou da mãe. Esconjura o azar, as doenças, os acidentes, os apetites perversos

dos predadores. Sonha, à noite, com o desaparecimento súbito deles, no meio de uma multidão indiferente. Grita: «Onde estão os meus filhos?» e as pessoas riem. Julgam que é louca.

**Aclamado pela crítica e devorado pelos leitores,
Canção doce mergulha nos abismos da consciência
humana, a partir de uma dramática história
familiar.**

PRÉMIO GONCOURT

«Myriam tinha pensado em levá-los ao carrossel. Iriam juntos fazer as compras para o jantar. Mila pediria um brinquedo, Adam chuparia um pedaço de pão, sentado no carrinho. Adam morreu. Mila vai sucumbir aos fermentos.»

Mãe de duas crianças pequenas, Myriam decide regressar ao trabalho, apesar da relutância de Paul, o seu marido. Depois de uma minuciosa selecção, o casal escolhe Louise como ama dos filhos. Louise rapidamente conquista o coração dos pequenos Adam e Mila e a admiração dos pais, tornando-se uma figura imprescindível na casa. Acontece que esta família é o único vínculo de Louise à normalidade. Pouco a pouco, o afecto dá lugar a uma dependência sufocante, com o cerco a apertar-se a cada dia, até desembocar num drama terrível.

Com um olhar incisivo, Leïla Slimani aponta assim o foco a um palco maior: a sociedade moderna, com as suas debilidades e contradições. Numa escrita cirúrgica e tensa, instala-se desde a primeira página um mistério que é tanto sobre as consequências desta tragédia familiar como sobre as razões insondáveis da consciência humana.

Uma obra magistral, eivada de um lirismo enigmático, que conquistou mais de um milhão de leitores e deu a Leïla Slimani o prestigiado Prémio Goncourt.



**«Este livro agarra o leitor com uma força incrível,
que deve tanto à mestria da narração como a uma escrita
seca, clínica, precisa.» *Le Monde***

**«Um romance-choque [...], uma narrativa duríssima
sobre a destruição de uma família, analisada a raio-X.»**

JOSÉ MÁRIO SILVA, *Expresso*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros
 alfaguaraeditora

ISBN 9789897849480



9 789897 849480 >